

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANÇEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 numeros	2\$000	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$500	N.º avulso ou pago á entrega \$120

ESTRANÇEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500
--------------------------	--------	------------------------------------

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 53

1 DE MARÇO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO—
Christo, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO—Uma visita a Hen-
rique Wadsworth Longfellow, JAYME BATALHA REIS
—Agostinho Coelho, J. B.—Dr. Francisco Antonio
Alves, R.—As nossas gra-
vuras—Architectos da
Batalha e dos Jerony-
mos, ABEL ACACIO—A lu-
ciosa, ALBERTO BRAGA.

GRAVURAS.—Bellas-Ar-
tes: A pitada, quadro de
Columbano Bordallo Pi-
nheiro—Bellas Artes:
Bussaco, na fonte de San-
ta Thereza, quadro de
Alfredo Keil—Africa
Portuguesa, casa de ha-
bitação na fazenda do
Rio do Ouro, proprieda-
de do dr. Bustamante
—Henrique Wadsworth
Longfellow—Agostinho
Coelho, primeiro gover-
nador da Guiné—Don-
tor Francisco Antonio
Alves—Boutaca, archi-
tecto do mosteiro dos
Jeronymos—Francisco
Otero Gonzalez, auctor
do attentado contra D.
Afonso XII, no dia 30
de dezembro de 1879—
Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Participações dos sub-
urbios fazem saber ás
almas sensíveis que as
andorinhas já chega-
ram. Parece que ainda
não deram entrada no
Terreiro do Paço, mas
Sacavem e os Olivares
já teem a dita de lhes
sentir palpitar a aza
em cima dos seus te-
lheiros.

Provavelmente não
darão entrada nas re-
partições sem sabermos
se serão bem aceites
pelos deputados que lá
querem também fazer
o ninho. Hoje em dia
ha sempre a descon-
fiar da sensibilidade
dos representantes do

povo. Já houve tempo em que os deputados da
provincia estavam de ordinario mais dispostos
a cantar a candura das avesinhas do que a votar
o real d'agua; hoje, na maioria dos casos, só
gostam do outono, por ser a estação em que
geralmente caem as folhas e os directores ge-
raes, e da primavera, porque muitas vezes com
as rozas, brotam cheias da mesma exuberancia

rubra, as candidaturas. Quando digo rubra, claro
está que uso a respeito da seiva eleitoral, de um
vocabulo arrojado de mais e inapplicavel tal-
vez á zurrapa com que no jardim da consti-
tuição se costuma regar esta flôr que é hoje
para as publicas liberdades o que a flôr de liz
era para o velho direito divino.

Não choremos, entretanto, qualquer gala de
estyllo despendido no
panegyrico das insti-
tuições.

As andorinhas che-
garam, pois, e é de crer
que em breve as vejã-
mos esvoaçando por ci-
ma da estatua eques-
tre. Tudo faz esperar
um accordo, e a conciliação poderá ser hon-
rosa e cheia de vanta-
gens para ambas as
partes, se os preten-
dentes se contentarem
com o musgo das se-
cretarias e as andori-
nhas com o musgo dos
telhados.

O que não impede
que os pretendentes,
de quando em quando,
esvoacem pela praça do
Commercio com a pen-
na atraz da orelha e
que as andorinhas en-
trem nas repartições a
inspirar e a redigir a
prosa dos officios.

—Depois das recitas
dos Huguenotes em
S. Carlos, as sessões le-
gislativas são o passa-
tempo que mais tem
entretido a curiosidade
das senhoras e a con-
versação dos chefes de
familia. Tem-se ido ou-
vir legislar com a mes-
ma boa disposição de
espírito com que se vão
ouvir *caballetas*, com a
diferença das sym-
phonias parlamentares
desafinarem ás [vezes
ainda mais do que as
de S. Carlos.

N'uma das ultimas
sessões, o dilletantis-
mo legislativo, que ha
muito andava ávido de
uma voz de *primo car-
tello*, ouviu a palavra
de um orador notavel,
Antonio Candido, o pri-
moso panegyrista de
Alexandre Hereulano,
e ouviu-o com aquelle

BELLAS-ARTES



A PITADA — Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro, pertencente ao sr. Carlos Augusto de Passos
(Desenho do mesmo auctor)

deleite excepcional que só as vozes inspiradas são capazes de produzir nos frequentadores blasé das galerias do nosso tempo.

Parece-me que foi aqui, n'este mesmo logar, que eu avancei uma vez a proposição ousada de que Antonio Candido seria um dia o *Castellar portuguez*. A minha intenção era poupar a futuros chronicistas o trabalho de procurarem epithetos laboriosos: offerecia-lhe um já feito e que de modo algum destoava da phase em que se acha o estylo encamiastico nacional.

Pois senhores: a politica partidaria que tem uma extrema confiança em tudo quanto é banal, desconfiou d'esta vez do epitheto, e principiou a chamar por ironia ao talentoso orador o que por varias vezes tem chamado a serio a diversos mediocres. Para dissipar estas duvidas foi preciso que Antonio Candido fallasse, exigencia que não tem sido feita a outros que mantem os seus creditos exactamente por nunca terem dito nada!

A tribuna portugueza conta pois desde hoje um primoroso artista da palavra e alguns noiaristas scepticos mais uma profunda desillusão.

Elles ainda balbuciam a medo que Antonio Candido é mais um orador sagrado do que um orador profano, mas em face da austeridade do *Diario do Governo*, a sua consciencia cae n'um torpor digno de lastima! Não veem latin no discurso de Antonio Candido e em logar de S. Francisco Xavier apparece-lhes citado Gambeta!...

— S. Carlos proporcionou uma opera solida aos frequentadores accommettidos d'uma despesa lyrica pelo abuso immoderado da musica de Verdi e de Donizetti. Os *Huguenotes* representam um bom regimen moral e os assignantes do theatro principiam a andar satisfeitos, com a consciencia mais tranquilla e os rostos mais rozados.

Nos *Huguenotes* a Borghi-Mamo e Tamagno resumem todo o esplendor da opera e concentram em si toda a alma que Mayerbeer poz n'aquella partitura sublime. O publico paga-lhes estas manifestações de talento em calorosos bravos, e a platéa de S. Carlos que no *Rigoletto* é um tumulto, nos *Huguenotes* passou a ser um paraíso.

Aparte uma ou outra peccadora nas cadeiras.

— Está em Lisboa um hospede illustre, que não traz batedores a cavallo a precedel-o, que não tem apresentação d'armas nem é obrigado a escabecear officialmente em S. Carlos n'uma recita de gala em homenagem á sua pessoa, mas que é, entretanto, um grande personagem da arte, um verdadeiro principe da pintura; Carolus Durand, o grande retratista francez que parecendo achar-se no polo oposto a Bonnat, tem todavia com este celebre mestre immediatos pontos de contacto. Com a differença que Bonnat pinta a alma dos pensadores, e Carolus Durand a das mulheres e das creanças.

E' o pintor moderno que mais tem conseguido o milagre de dar fórmas sensiveis ao intangivel!

— Da Italia volve á patria, depois de alguns annos despendidos gloriosamente em ser director de uma academia d'aquelle paiz, o pintor Alfredo d'Andrade que na arte se pôde chamar o primeiro *realista* portuguez. Foi elle que teve o arrojo de se servir um dia dos novos processos em face da arte official estupefacta, escandalo de que os velhos painéis da nossa academia ainda guardam memoria!

Volviendo hoje á patria, acha a academia mais humanizada, se bem que ainda um pouco resentida dos attentados d'outros tempos. O talento triumphante do artista ha de saber dissipar todas as desconfianças e os seus peccados terão absolvição desde que patenteie alguns quadros.

— Tenho n'este momento defronte de mim a nova edição do *Crime de Padre Amaro*, por

Eça de Queiroz, esse esplendido romance que publicado pela vez primeira, ha alguns annos, na *Revista Occidental*, era já um extraordinario embrião, e hoje, depois de aperfeiçoado e de burilado successivamente pelo artista que o concebeu, chega a ser uma obra excepcional.

N'esta nova edição o romance conclue por um capitulo que é a expressão exacta do sentimento burguez que origina os conflictos em que se devem basear todos os romances que intentem ser do nosso tempo e do nosso meio. A scena passa-se na Casa Havaneza, no momento em que chegam os continuados telegrammas annunciando os horrores da communa de Paris. Os commentarios da turba, as observações dos sujeitos conspicuos que fazem a digestão e prophetisam os destinos das sociedades, as phrases prodomeseas salpicando a monotonia d'aquelles conceitos banaes, tudo isto se combina n'uma tela de colorido flagrante, de uma tonalidade justa e de uma perspectiva rigorosamente geometrica.

Depois da conversa do marquez com os dois padres junto ás grades da praça de Camões, o grande épico entrevem e Eça de Queiroz achou, segundo me parece, o conceito justo para julgar a sociedade retratada tanto ao vivo no seu formosissimo livro, da mesma maneira que Daudet o achára com tanta felicidade no final do *Fromont Jeune*. Bom de véras.

— Vejâmos alguma coisa de hoje. Aqui está, por exemplo, a *Revista de Coimbra*, folha que tem por director um dos mais provados e talentosos professores da Universidade, o dr. Correia Barata, e por collaboradores a maior parte dos que na moderna pleiade litteraria da *Luz Athenas* — como ainda lhe chamam alguns correspondentes da provincia — se distinguem por um entranhado amor ás letras.

Os jornaes da indole da *Revista de Coimbra* devem merecer uma attenção especial da critica, porque são elles os reveladores das phazes litterarias que se vão succedendo. Annunciam as variações barometricas na litteratura, como o observatorio do *New York Herald*, as annuncia na atmosphera. Pelo que se deprehende da *Revista*, nada prognostica vendaval proximo.

Os ares correm serenos e a poesia nutre-se ainda na mesma caudal. No numero que tenho presente e que abre com uma narrativa em prosa feita com extrema graça por Alberto Braga, deparo com uma poesia do sr. Jayme de Seguíer, na verdade formosa. Mas porque o sr. Jayme de Seguíer tem muito talento e uma grande facilidade de imprimir extrema sonoridade nos seus bellos versos, é que eu desejava vel-o mais individual. Isto é, que deixasse de ser o melhor discipulo de Guerra Junqueiro para ser o melhor discipulo da sua propria musa. De resto, se eu não antevessê no sr. Jayme de Seguíer todos os elementos que podem constituir um excellente poeta moderno, com todas as qualidades e todos os defeitos que constituem o artista excepcional, limitava-me a chamar-lhe *esperançoso* e passava adiante.

O sr. conde de Sabugosa que faz umas delicadas miniaturas em verso, cinzeladas com grande primor artistico, assigna n'este numero da *Revista*, uma poesia imitada de Catulle Mendés. Não valle a pena imitar de Catulle Mendés, que aliás tem por vezes inspirações exceptionaes, quem faz versos seus tocados d'uma elegancia verdadeiramente artistica.

O sr. Carlos Lobo Avila, organisador especial da *Revista de Coimbra*, e que n'ella tem dado provas de actividade e talento pouco vulgares, mandreia um pouco d'esta vez: assigna apenas a parte bibliographica do numero que tenho presente.

Peço menos tom academico e mais alguma petulancia n'esta folha. Acho austeridade de mais na *Revista de Coimbra*, e isto só se poderia desculpar se ali houvesse talento e mocidade de menos.

CHRISTO

O cerebello é que pensa; a alma é uma chimera;
A phantasia humana é quem as almas gera,
É quem os deuses cria, é quem os deuses faz.
A morte é o eterno somno, a morte é a eterna paz;
E os deuses, desde Siva, o deus da torva vista,
Ao Jehovah feroz e ao Christo socialista,
São as creações ideaes do genio popular.
É d'esse eterno Olympo, é d'esse inquieto mar,
Eterno pela vida e inquieto pela dôr,
Que tu sabiste, ó Christo, ó grande scismador,
A consolar os bons, a avigorar os tristes.
Eu creio pois em ti, ó Christo, tu existos
Escarnecido e exangue em cada peito honesto,
Em cada homem de bem, como um viril protesto
Contra o imperio dos vis, contra o poder do mal,
Pois se offereceste a face ao insulto brutal,
Tambem azorragaste os phariseus no templo;
E é n'isso que eu te vejo, ó Christo é n'esse exemplo
De perdoar o insulto as cegas multidões,
Mas de saber punir os mans e os vendilhões.
És pois o meu direito, és pois o meu dever,
Dever de perdoar a quem nos offender
Sem saber o que faz, aos simples ignorantes,
Direito de punir os mans e os traficantes.
Tu és o redemptor dos bons, dos opprimidos;
O teu corpo ideal é feito dos gemidos
Da alma popular, essa immortel Niobe,
Que, varada de dôr, constantemente sobe
A montanha de luz da civilisação.

Eu creio em ti, ó Christo, ó dôce criação
Dos meus vellos avós, os pallidos escravos
Que morreram no circo aos calmosos bravos
Da multidão feroz, sem soltar um gemido!
Estou-os vendo ainda entrar de olhar erguido
No vasto coliseu, prostibulo em tumulto,
E ao élaro imperador, como um supremo insulto,
Mandar a saudação final dos moribundos.
Sobre elles cae depois o peso de tres mundos:
A idole média, a gleba, o duro feudalismo,
Mais tarde a inquisição, depois o cezarismo:
Foram esses heroes, os vellos operarios,
Os impios, os athenes, os novos proletarios,
Os ilotas de Sparta, escravos pela guerra,
Os servos dos barões, escravos pela terra,
O proletario d'hoje, escravo ao capital,
O livre pensador, escravo do ideal
Que te fizeram, Christo, ó casto scismador,
Como a concentração d'esta infinita dôr,
Que vem da idade muda, a idade da caverna,
N'uma serie continua, á habitação moderna.

A tua lenda, ó Christo, a lenda do Calvario,
Resume inteiro em si, contém como um sudario,
O drama da paixão de toda a humanidade,
O drama da justiça, o drama da egualdade,
A lucta secular, sem troguas, colossal
Dos bons contra a oppressão, dos justos contra o mal,
Dos povos contra os reis — o homem contra a fera —
Da terra contra o céu — rasão contra chimera —
A lucta sempiterna, a lucta indefenida,
Constante, universal, a lucta pela vida,
E tu sabiste, ó Christo, ao sopro da verdade
Do seio virginal da propria humanidade.

O teu glorioso irmão, o velho Prometheu,
O heroico luctador, foi o primeiro athen.

UMA VISITA

HENRIQUE WADSWORTH LONGFELLOW

A propósito da tradução do poema

EVANGELINA

PELO SR. MIGUEL STREET D'ARRIAGA

I

Visitei em meados de abril de 1876 a ilha do Fayal, nos Açores, e conheci ali o sr. Miguel Street d'Arriaga. E' elle um homem baixo, novo ainda, com um ar extremamente vivo e franco que impressiona, de conversação animada e culta. Fallou-me muito, com enthusiasmo, dos Estados Unidos, para onde eu ia de viagem, e particularmente da litteratura americana como quem a conhecia e a estimava.

Na pequena e pittoresca cidade da Horta tudo me offerecia já como que um prologo ao meu passeio através das povoações da America do norte. As janellas das casas, algumas comidas, o vestuario e penteado das senhoras, — simples, correcto, elegante, — a lingua ingleza fallada por todas ellas como familiar e quasi propria, as sympathias geraes da população pela grande republica.

E' o sr. Miguel Street de Arriaga, — que me annunciou ha 4 annos os Estados Unidos da America, — o mesmo que volta agora a recordar-m'os, enviando-me a sua excellente traducção do poema de Longfellow, *Evangelina*.

Pôde dizer-se que em Portugal só geralmente se conhece a litteratura franceza. A de Hespanha mesmo, tão proxima, a da Italia, tão semelhante pela lingua, a do Brazil tão irmã, são de quasi todos profundamente ignoradas. Não vale a pena fallar por isso da litteratura allemã e ingleza, e pareceria estar inventando quem duvida quem rompesse no excesso de asseverar, a grande maioria dos leitores, que ha poetas e prosadores na Russia, na Hollanda, na Dinamarca e na Escandinavia.

Traduzir fielmente os grandes poetas estrangeiros e fazel-os assim conhecidos em Portugal é pois um serviço importante ás letras e á educação geral do nosso povo. O sr. Miguel Street d'Arriaga começou, com a sua traducção do poema de Longfellow, a nossa iniciação no conhecimento de um dos melhores espiritos dos ultimos 30 annos da America do norte.

Se algum leitor do OCCIDENTE me conhece, sabe que eu não sou de modo algum um critico d'arte ou litteratura. Por isso vou desde já dizer as rasões que me levaram a sair, tão desastrosamente sem duvida, — para fallar de poesias e de poemas, — do campo muito diverso das minhas especialidades.

Conhecido pela *Evangelina* um lado do notavel espirito litterario de Longfellow, será talvez interessante conhecer alguma coisa da physionomia, do caracter do homem e deixar fixadas, junto de um retrato authentico, as impressões de um viajante portuguez que o tenha conhecido. Quiz o acaso que eu seja esse viajante.

O que vai ler-se tem apenas assim, á attenção publica, o direito de ser um esboço feito do natural.

II

Em julho de 1877 fui convidado pelo sr. E. N. Horsford, professor de chimica na Universidade de Cambridge, para ir lanchar a sua casa.

Cambridge é uma povoação que fica, como todos sabem, cerca de tres milhas e meia ao poente de Boston.

Está ali a Universidade de Harvard. Atravessa-se sobre uma ponte, indo de Boston, o canal do rio *Charles*; passa-se depois a larga rua, entre campos, de *East Cambridge*, e chega-se enfim á Universidade.

Os vastos edificios d'esta são separados em corpos completamente distinctos; e todas as casas da povoação, cercadas de jardins e de

arvoredos, se descobrem a custo, aqui e ali, por entre as altas ramarias de arvores seculares.

Nas ruas que são limitadas pelas grades dos jardins ou pelos largos prados de verde esmeralda, apenas se encontra, a espaços, alguma senhora que passeia ou herborisa no meio do chilreado continuo dos passaros que saltam nos arvoredos espessos. E ha em tudo ali um grande socego, uma tranquillidade meditativa e religiosa.

Quando eu estava conversando com mrs. Horsford e suas filhas, no *parlour* de sua casa, abriu-se a porta e entrou, sorrindo e comprimentando, um velho.

As senhoras mais novas levantaram-se e foram receber o recémchegado.

Era um homem de estatura regular mas que parecia á primeira vista baixo por causa da sua grande cabeça coberta de longos cabellos brancos e pela barba tambem quasi inteiramente branca e comprida. Só pelas cans dava a quem o via a impressão da velhice. Mas tinha uns olhos d'uma extrema vivacidade, que sorriam quando a bocca sorria dando á physionomia uma expressão de grande alegria moça. Cumprimentava as senhoras com palavras galanteadoras e um ar de uma amabilidade distincta e cortezã. Havia entre aquelle velho e a maior parte dos americanos que eu tinha conhecido até então uma differença extraordinaria. Nada se via n'elle do ar secco, aspero, hirtto e engonçado dentro de uma sobrecasaca preta, forte e decidido mas muitas vezes grosseiro ou *parvenu*, do verdadeiro *yankee* que tem uma machina, um caminho de ferro, uma invenção, uma mina, uma eleição ou um partido politico que o preoccupa exclusivamente, enquanto masca o seu tabaco, conversa emitindo as abreviaturas da sua lingua especial pelo nariz, ou enquanto digere o *steak*, o *tudian corn* e o *whisky*, com os pés collocados acima da cabeça.

O velho que entrara no *parlour* de mrs. Horsford parecia um fidalgo distincto do seculo XVIII, fallando ás senhoras com uma intimidade galante, familiar e respeitosa.

E as senhoras cercavam-n'o cheias de perguntas, de attensões, de cuidados.

Momentos depois apresentaram-me a elle e disseram o seu nome.

Era Henrique Wadsworth Longfellow, o notavel poeta americano.

No fim do *lunch*, depois de servido Champagne americano, — o *Sparking catawba*, — e enquanto enchiam os calices de Porto authentico, com o qual, por uma attenção delicada para commigo, o professor Horsford e Longfellow quizeram fazer um brinde a Portugal, este ultimo pediu-me que lhe dissesse versos portuguezes. Disse então lentamente, para que o poeta, que sabe a nossa lingua, pudesse bem entender-me, e para que as outras pessoas podessem, ao menos, apreciar a melodia latina do idioma, — disse então algumas poesias de Camões, de João de Deus, de Anthero do Quental, de Guerra Junqueiro, e quadras populares, anonymas, que Longfellow me pediu logo que lhe escrevesse, para elle traduzir e publicar.

Depois, pedido por mim, e pedido por todas as senhoras que estavam presentes, — das quatro gerações de namoradas ideaes que o celebre poeta conta na America, — Longfellow recitou uma das mais conhecidas das suas poesias: a parte da *Evangelina*, semelhante a um quadro de Ary Scheffer, que, na fiel traducção do sr. Miguel Street de Arriaga, é assim:

Distante um pouco da quieta aldeia,
E á buca do Minas mais chegado,
Morava em suas terras Benedicto
Bellefontaine, o lavrador mais grosso
De Grand-Pré: e com elle residia
Evangelina, a casa governando
Sua filha gentil, d'aldeia orgulho,
Era um homem robusto, grave o aspecto
Com invernos setenta, são e valido,
Um annoso carvalho, branquejando
Com folhecos de neve: as faces suas
Tostadas como as folhas de carvalho,

E seus cabellos alvos como a neve.
Era um gosto mital-a, a linda virgem
Com suas dezeseite primaveras.
Protos eram seus olhos, como a amora
Nascida das estradas nos silvados;
Protos eram, mas quanto á sombra escura
De suas tranças meigos fulguravam!
Sua respiração era tão doce,
Como era a da novilha nas pastagens.
Quando no ardor das calorosas ceifas
Levava ao meio dia aos segadores
Os frascos da cerveja feita em casa,
Ah! bella realmente a virgem era.
Era mais bella, quando, no domingo
De manhã, no momento em que aspergia
Da torre o sino ao ar com sons sagrados,
Como asperge o bom padre com o lyssope
Os fiéis e sobre elles deita benção,
Ella passava pela extensa rua
Com seu livro de missa e seu rosario,
Levando seu salote, d'azul tinto
Sua touca normanda, e seus pendentes,
Que trazidos de França, em tempo antigo
Por gerações inteiras, como herança
Passavam desde então as mães ás filhas.
Mas um esplendor celeste — uma belleza
Mais etherea, — em seu rosto transluzia,
E cercava seu corpo, quando a casa
Depois da confissão, serenamente,
Go'a benção do Senhor ella voltava,
Quando tinha passado, parecia
Que uma celeste musica findara.

III

De tarde saímos, e fui com Longfellow a sua casa. É perto de *Brattle Street*, entre grandes ulmeiros, rodeada de prados cheios de relva, onde se erguem os postes que tem em cima os pequenos *chalets* de madeira ou de cortiça, para as aves do campo se abrigarem e fazerem ninhos.

A habitação simples, do meado do seculo XVIII, é um dos bons typos, ainda tão frequentes nos Estados da nova Inglaterra, da antiga residencia colonial, com um aspecto indelevel de casa improvisada ao chegar, á pressa, sobriamente feita com os materiaes da floresta que existiam na clareira que se arroteou para dar lugar á construcção, mas sentindo-se ao vê-la que é confortavel, que se deve ali descansar bem do trabalho, no *hom*, na familia, sem communicação immediata com a cidade ruidosa, ou com o visinho mais collectivista, n'um individualismo estreito, mas serena.

A casa habitada hoje por Henrique Longfellow era, já antes, um edificio historico. Em 1775, durante a grande campanha da independencia, Washington fez d'ella o seu quartel general, e sua mulher Martha, a sublime burgoeza americana, presidiu ali ás reuniões das familias dos partidarios, durante o inverno que Boston esteve cercada pelos inglezes.

O gabinete de Longfellow é um quarto não muito vasto mas cheio de livros por entre os quaes surgem a custo alguns bustos, e alguns retratos. Os livros invadem as estantes, as mesas e o chão, em montes, desordenados.

Longfellow estava então organisando uma publicação a que elle dera o nome de *Poems of Places*. E' uma collecção de pequenas poesias em inglez, ou dos bons poetas das diferentes nacionalidades ou de poetas estrangeiros, sobre as paisagens, os monumentos, as lendas, os factos historicos, e os costumes mais caracteristicos dos diferentes paizes: especie de geographia moral destinada á dar a impressão e a *idea* dos povos, e do meio physico que em grande parte, com a sua influencia, os formou.

Havia, em julho de 1877 dois volumes publicados d'essa obra, que Longfellow me offereceu: ¹ No segundo 54 paginas são dedicadas a Hespanha e 70 a Portugal, nas quaes se encontram muitas traducções de Camões por William Julins Mickle, William Herbert, mrs. Cockle, Felicia Hemans, e uma traducção do soneto ao

¹ *Poems of Places* edited by Henry W. Longfellow, 2 vol. Boston: James H. Osgood & Company, 1877.

Tejo, de Curvo Semedo, por o notavel poeta americano, morto ha pouco, William Cullen Bryant.

Fallámos então da moderna litteratura portugueza e da americana. Longfellow conhecia pouco ou nada os nossos poetas modernos e por isso me ouviu com interesse, durante muito tempo, fallar-lhe de João de Deus, de Guerra Junqueiro, de Anthero de Quental, de Gomes Leal, de Guilherme de Azevedo, de Theophilo Braga, de Azevedo Castello Branco, dos mais originaes, ou dos mais legitimos representantes das novas escolas.

Longfellow fallou-me em seguida das suas viagens na Europa, dos poetas, dos romancistas americanos, principalmente de Bret Harte «o mais americano de todos» disse elle. E, depois, recitou-me de côr, com excellente pronuncia, alguns dos mais celebres episodios dos *Luziadas*.

Quando nos separámos era noite.

A despedida o celebre poeta deu-me o retrato que o OCCIDENTE hoje reproduz.

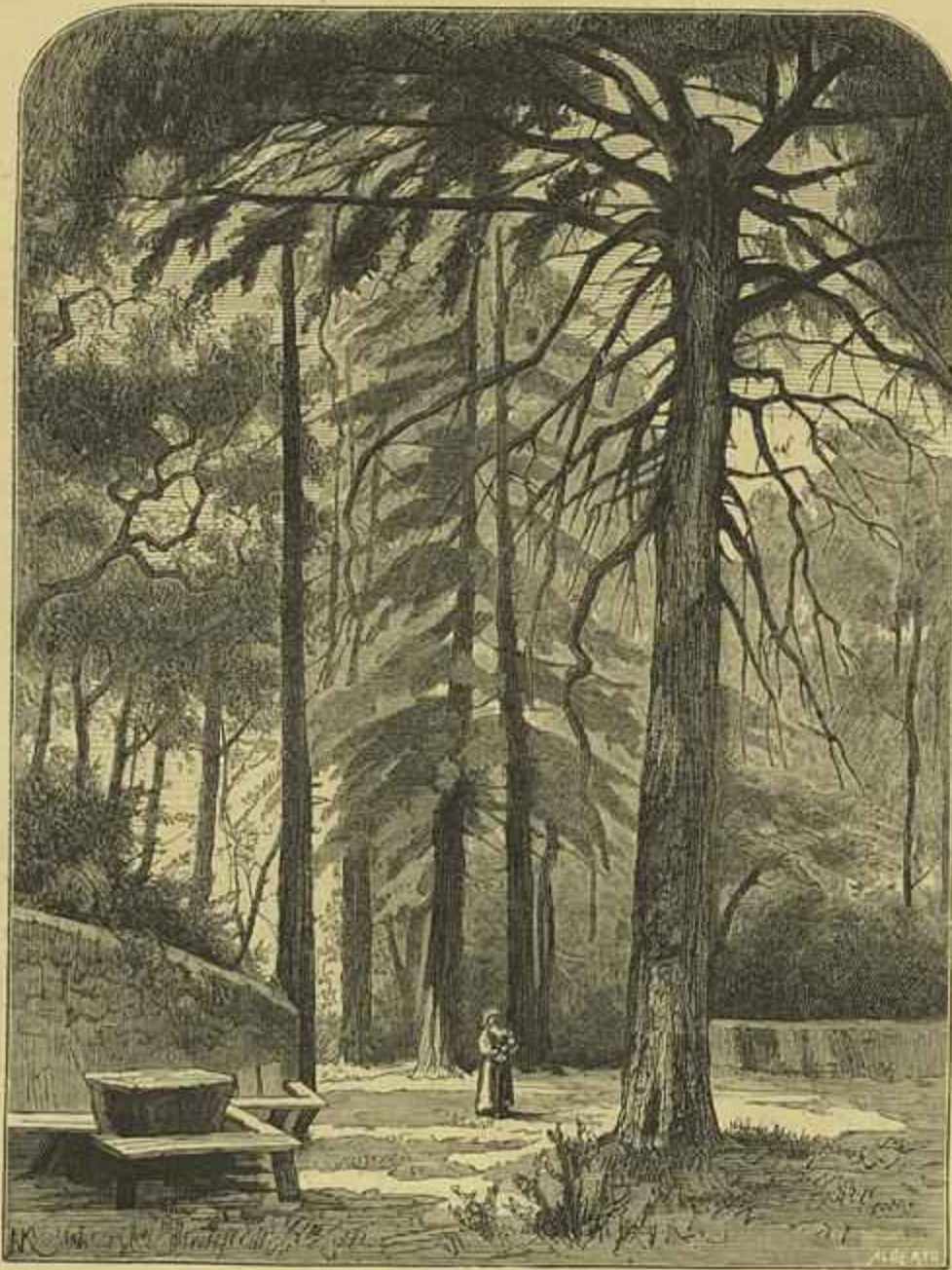
Nessa mesma noite, depois de jantar, encontrava eu, em casa do celebre botanico Asa Gray, o illustre presidente da *Royal Society of England*, um dos maiores botanicos do mundo, sir Joseph Hooker que me contava a expedição scientifica que estava preparando, e que effectivamente dias depois partia, a explorar o Colorado e as *Rocky mountains*, no *Far west* americano.

Foi no dia seguinte, e ainda nos arredores de Boston, que eu visitei o professor Slade da Escola de agricultura de Massachusetts e que eu tive

a honra de conhecer mrs. Slade, sua esposa, uma senhora distinctissima, que é irmã

Extranhou em verdade a alguns esta nomeação. Agostinho Coelho, não vae ao gremio, não frequenta a Casa

BELLAS-ARTES



BUSSACO — NA FONTE DE SANTA THEREZA

Quadro de Alfredo Keil, enviado á exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879

da senhora condessa de Edla.

Sem competencia, por certo, na minha qualidade de agronomo, para fazer a critica de poesias, peço porém ainda aos leitores licença para dizer mais duas palavras.

A *Evangelina* de Longfellow está, posso dizel-o, porque conheço bem o original, fidelissimamente traduzida pelo sr. Miguel Street de Arriaga. Eu não sei que possa de uma traducção fazer-se maior elogio. Todos a devem lêr para ao menos, n'uma das suas melhores manifestações, não desconhecer inteiramente aquelle grande novo mundo, que pensa, que produz, e que cria.

JAYME BATALHA REIS.

AGOSTINHO COELHO

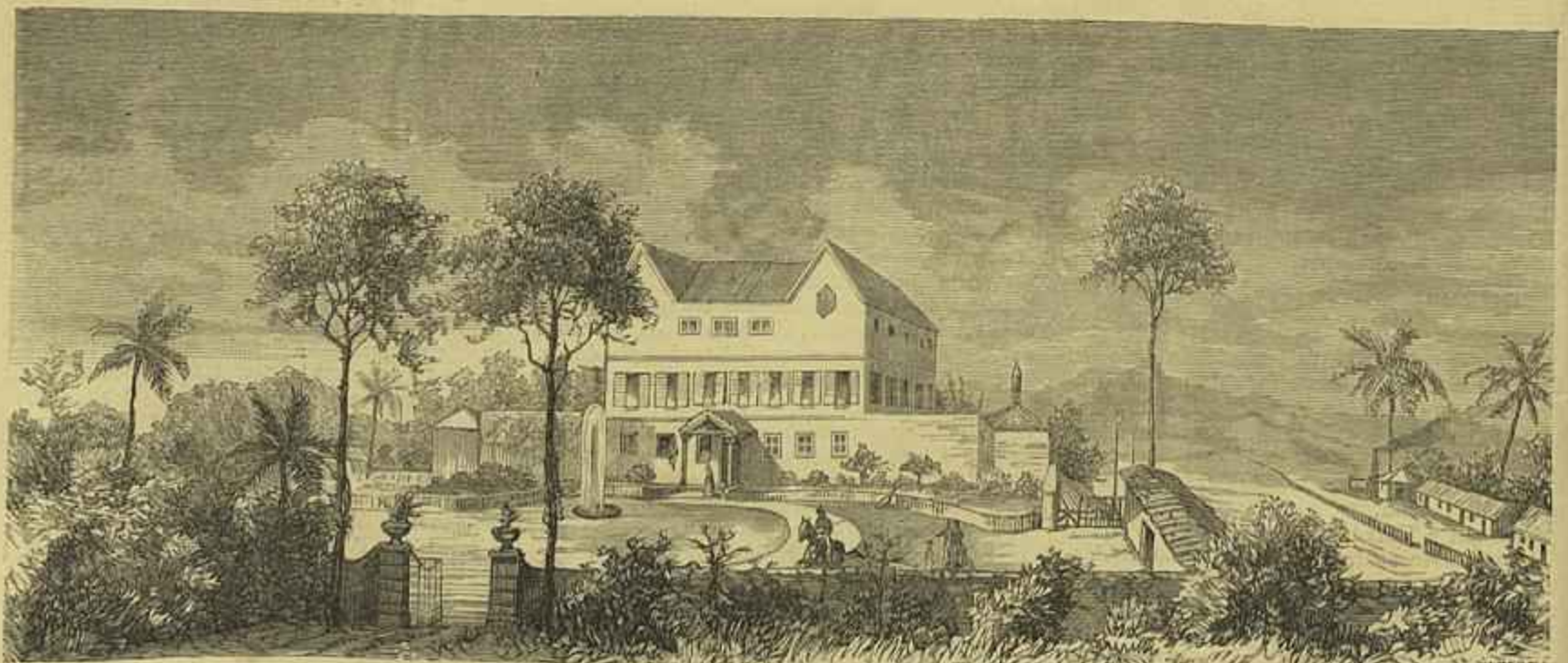
Primeiro governador geral da Guiné

São conhecidos de todos os successos que determinaram o governo portuguez a formar uma nova provincia colonial na costa occidental da Africa portugueza, sendo apresentado ás camaras um projecto de lei que foi approvado com pequenas modificações e promulgado como lei em 18 de março de 1879.

A ousadia do gentio fôra grande e era mister nomear pessoa assaz provada para inaugurar o novo governo independente, formado dos territorios da Guiné portugueza.

Quando ha boa vontade, encontra-se. Foi nomeado para aquelle importante cargo o major Agostinho Coelho, chefe da repartição militar do ministerio da marinha.

AFRICA PORTUGUEZA



CASA DE HABITAÇÃO NA FAZENDA DO RIO DO OURO EM S. THOMÉ, PROPRIEDADE DO DR. BUSTAMANTE

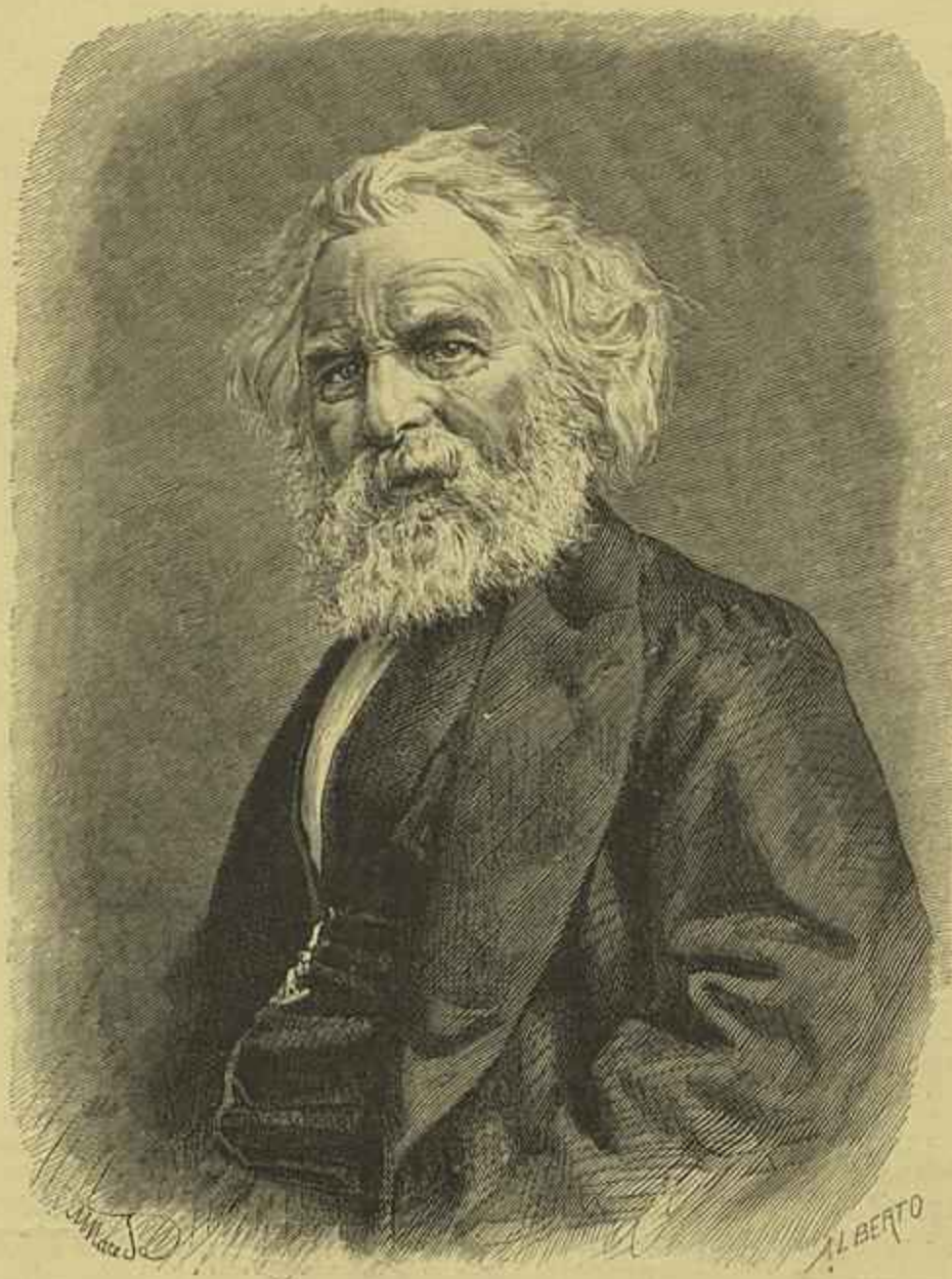
Havaneza, nem o Martinho, não pertence a centro político nenhum, e contudo o seu nome é assaz conhecido d'uma grande parte da mocidade portugueza, pois os que tem frequentado o collegio militar e escola do exercito ha doze ou quatorze annos, todos o conhecem e conservam d'elle gratas recordações.

Estatura elevada e robusta, physionomia aberta, franca e alegre, intelligencia clara e prompta, instrucção solida e variada, formam o conjunto da sua personalidade.

Nascido no meio do bulicio das armas, na nossa Veneza, Aveiro, em 1828, o seu caracter é lizo como é limpida a agua do seu patrio Vouga em dias de risonho agosto. Partilhou com seu pae as privações do cerco do Porto. Em tempo opportuno entrou para o collegio militar, d'onde saiu com o curso completo em 1845, asentando praça a 19 de outubro.

N'outro qualquer paiz os dotas do joven aspirante a official, tel-o-hiam feito percorrer rapidamente os postos militares, no nosso porém, com a morosidade habitual e devida á paz que desfructamos Agostinho Coelho era apenas major, ao fim de 34 annos.

Contudo esses annos tem sido preenchidos por serviços importantes, mas d'estes que tem mais valor intrinseco do que fulgor a celebridade. Além do serviço ordinario de official de infantaria, onde a sua figura, porte, e garbo impõe ao soldado respeito e sympathia, exerceu os logares de professor de armas e instructor no real collegio militar cujo é fi-



HENRIQUE WADSWORTH LONGFELLOW (Segundo uma photographia de Mr. Sarony)

lho; o de commandante do asylo dos filhos dos soldados, onde era ao mesmo tempo director, instructor, professor, e todos o consideravam — pae; — na escola do exercito, o de instructor de infantaria, onde a sua aptidão e educação lhe ganharam em cada discipulo um amigo respeitoso.

O serviço porém mais notavel foi a organização do batalhão auxiliar mandado formar em Angola em dezembro de 1868, e de que Agostinho Coelho foi nomeado commandante em 1869, e cujo commando tomou a 8 de maio. É impossivel descrever o estado em que achou o corpo quando ali chegou, e aquelle a que em poucos mezes conseguiu elevalo, pela assiduidade, aptidão, coragem e indefessa constancia do distincto official. O povo de Angola lembra-se ainda d'isso. Tanto trabalho, tantos esforços ficaram inuteis. O batalhão que era destinado á campanha contra o Bonga de Massangano, foi mandado dissolver por portaria de 4 de dezembro seguinte. Agostinho Coelho, regressando á metropole, voltou á sua anterior posição de capitão de infantaria!

Em 1875 voltou de novo para a escola do exercito. Vagando nos fins de 1877 o logar de chefe da repartição militar do ministerio da marinha, foi para elle convidado, e é uma das poucas vezes em que o cargo publico procurou o homem, e não o homem o cargo.

Hoje acha-se tenente coronel e é o 1.º governador geral da Guiné. Apenas ali chegou visitou os logares do seu districto e teve occasião de reprimir alguma audacia dos ne-



AGOSTINHO COELHO — Primeiro Governador Geral na Nova Provincia da Guiné (Segundo uma photographia do sr. Rocha)



DR. FRANCISCO ANTONIO ALVES (Segundo uma photographia de M. Arsina Hayes)

gra. Voltou á metropole a pedir providencias e melhoramentos, sem os quaes renunciaria o cargo. Foi tudo concedido e oxalá em breve se realissem as obras promettidas, e que a habitual mesquinhez do paiz, não inutilise esforços dedicados.

O novo governador tem todos os dotes precisos: intelligencia, instrução, força, valor, aptidão, experiencia e maneiras; tem bastante que fazer na organisação do novo districto, mas a sua vontade, a sua integridade, a sua provada dedicação e zelo são um penhor de bom serviço. Oxalá o paiz escolha sempre funcionarios assim.

J. B.

DR. FRANCISCO ANTONIO ALVES

O retrato que hoje damos, representa, no OCCIDENTE, uma commemoração tardia, mas nem por isso menos justa.

O professor commemorado hoje nas paginas do OCCIDENTE, foi um trabalhador honesto, um sabio, um apostolo dedicado da sciencia, e estas qualidades bastam para que o tempo não tenha ainda apagado o seu nome e a sua physionomia da memoria dos que o conheceram.

O dr. Francisco Antonio Alves falleceu em 13 de fevereiro de 1873, tendo nascido na cidade do Porto em 29 de novembro de 1832. Defendeu theses de medicina na Universidade de Coimbra em 3 de dezembro de 1857, recebendo o grau de doutor em 31 de janeiro de 1851.

Pouco depois era nomeado professor da aula de anatomia pathologica geral e toxicologia, sendo tambem encarregado da direcção dos gabinetes de anatomia pathologica e de chimica medica da Universidade.

Publicou em 1869 os *Elementos de anatomia pathologica geral*, obra elogiada pelos sabedores, e adoptada como compendio na aula respectiva.

Este livro conquistou ao auctor a commenda da ordem de S. Thiao do merito scientifico, artistico e litterario.

Collaborou com os doutores Miguel Ferreira Leão e Lourenço d'Azevedo no livro notavel — *As aguas minerais de Moledo*, sua composição chimica, acção physiológica e efeitos therapeuticos, e no *Instituto*, excellente revista scientifica e litteraria de Coimbra, publicou artigos de relevantissimo merecimento.

O gabinete de anatomia pathologica da Universidade foi creado por sua iniciativa, augmentando constantemente em virtude dos seus esforços, chegando a ser um modelo na especialidade.

Foi, enfim, um homem justo e um trabalhador dedicado. Não é tarde para que os que lhe sobrevivem lhe paguem hoje uma divida de gratidão.

II.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PITADA

Este pequenino quadro de Columbano Bordallo foi patente na ultima exposiçao da sociedade promotora das bellas artes, e extremamente apreciada. Adquiriu-o depois o sr. Carlos Augusto de Passos, que é hoje o seu possuidor.

O assumpto é gracioso e intencional, e a expressao dos personagens extremamente verdadeira. É uma pequenina obra de arte em que a par de facilidades imaginativas se revela já uma grande destreza de pincel.

Devemos notar que este quadro, por occasiào d'apparecer, foi uma completa revelação. Punha em evidencia um artista que rompía com a tradiçao das nossas escolas, para seguir as pizadas dos mestres que lá fóra representam o renascimento artistico contemporaneo.

Era manifestamente inspirado na maneira de Zamacois e de Palmeroli, que sem se fillarem na moderna escola naturalista franceza, representam contudo na Hespanha a manifestação do espirito moderno. Entretanto representava o testemunho evidente de uma aspiração artistica pouco usada entre nos.

Por todos estes titulos deviamos dar-lhe logar na galeria do OCCIDENTE.

BUSSACO — NA FONTE DE SANTA THEREZA

Quadro de Alfredo Kell

Este pequenino quadro esteve na ultima exposiçao portugueza no Rio de Janeiro, na secçao de Bellas-Artes. É uma deliciosa paisagem, com esse caracter especial que assignala o auctor, como um dos mais aprimorados artistas da nossa moderna pleiade. O local representado n'este quadro é bem conhecido de todos os frequentadores da

bella floresta do Bussaco: É ali que nas amenas tardes do verão se reúnem as familias em *villeggiatura* n'aquelles sitios, para celebrarem em doce convivencia as alegres merendas tão celebradas depois, quer nas narrativas caseiras quer nas correspondencias da provincia.

O quadro de Alfredo Kell tem um profundo sentimento do natural e excellentes qualidades de execuçao tecnica adquiridas nos centros artisticos da Alemanha aonde o auctor foi educado, com extrema vantagem para a arte portugueza que hoje conta n'elle um dos artistas nacionaes mais distinctos.

FAZENDA DO DR. BUSTAMANTE, EM S. THOMÉ

A possessão de S. Thomé, como se sabe, está situada na costa africana, quasi sobre o equador, e é uma ilha de cerca de vinte e cinco milhas de comprimento e cerca de dezasete de largura.

Descoberta em 1479 pelos portuguezes, principiou a ser colonizada em 1485. Immensos tratos do paiz foram plantados de canna de assucar e ainda hoje ali podem ser vistas as ruinas de algumas fabricas de refinaçao. Depois os cultivadores começaram a voltar a sua attenção para o Brazil. No seculo xvi a produçao de assucar em S. Thomé chegou, segundo os melhores calculos, a ser de 2:000 toneladas; hoje não se cultiva ali este ramo agricola e os plantadores dão todos os seus cuidados á cultura do café.

A nossa gravura representa a casa e fazenda do cultivador do Rio do Ouro, o dr. Bustamante, um dos proprietarios que mais tem procurado aperfeicoar aquella cultura. A casa de habitaçao está situada no meio de pomares e jardins formosissimos e possui todas as comodidades que se podem exigir n'uma habitaçao europea. É illuminada interiormente por meio de gaz produzido pelo grão da palma, que da mesma forma illumina as dependencias do estabelecimento. Todas as divisoes da casa são extremamente apropriadas e pôde considerar-se uma morada elegante e confortavel aonde não falta nenhuma das commodidades e luxo da civilisação.

A região é das mais uberrimas e das mais formosas, dando-se ali todas as arvores mais estimadas; as laranjeiras, as romanzeiras e todos os arbustos mais apreciaveis; a canella, a quina, e além d'isso todos os fructos dos tropicos.

Os cafesaes d'esta propriedade são cultivados com o maior esmero, sendo para lamentar que a falta de braços não possa levar a cultura ao grão a que ella era susceptivel de attingir. Este inconveniente podia remediar-se introduzindo na ilha a emigração que hoje procura paragens menos propicias, aonde os colonos não encontram, na maioria dos casos, a proteccao que da parte das auctoridades portuguezas poderiam encontrar em S. Thomé.

Dêem-se braços a esta uberrima possessão e ella será uma das mais invejaveis da costa africana.

A casa e a fazenda representada na nossa gravura attestam o que poderia ser a ilha de S. Thomé, se para ella convergissem os elementos que faltam á sua cultura. Ha ali certamente fecundissimos mananciaes a explorar.

FRANCISCO OTERO GONZALEZ

Auctor do ultimo attentado contra a vida do rei de Hespanha

Em dezembro ultimo, como os leitores se recordam, o rei de Hespanha e sua esposa recolhiam a palacio, o rei guiando um *phaeton*, quando ao chegar a carruagem aos umbraes da porta do Principe, que dá sobre a praça do Oriente, em Madrid, um homem avançou disparando uma pistola sobre os reaes conjuges. O primeiro projectil roçou quasi pela cara do rei, e tambem não mui distante do rosto da rainha, tendo o tiro sido dado quasi á queima roupa.

O criminoso disparou ainda um segundo tiro mas foi agarrado pelas sentinellas do palacio. Proceedendo-se a informações reconheceu-se que se chamava Francisco Otero Gonzalez, natural do Guntín na provincia de Lugo, e que contava apenas 19 annos de idade. Ignora-se se teria cúmplices e a tal respeito nada se tem podido apurar; desconha-se entretanto que uma defeccao mental o podesse conduzir a tão odioso attentado.

A justiça acaba de o condemnar á morte, mas se o seu sangue tiver de correr é provavel que elle infelizmente não apague de todo os odios que germinam em tantas almas sombrias.

Pela expressao physionomica, a de Otero parece ser uma d'essas.

ARCHITECTOS DA BATALHA E DOS JERONYMOS

(Continuado do numero antecedente)

Por morte de Affonso Domingues suppe-se ter ficado o templo já bastante adiantado, e ainda em começo a capella do *fundador*, casa do capitulo, sacristia e claustro real. Succedeu-lhe na direcção das obras mestre Huguet, que, a julgar pelo appellido, seria francez. Não se sabe com certeza quando falleceu; o patriarcha D. Francisco de S. Luiz marca-lhe o anno de 1437 ou 38. Este artista insigne, bem merece o nome de digno successor de Affonso Domingues, pois que decerto é obra de sua direcção o acabamento da igreja, da capella do *fundador*, da sacristia, casa do capitulo, refeitório e grande porção do claustro real. Foi provavelmente ainda elle quem deu o risco e começou as capellas imperfeitas, pois que o fundador d'ellas, D. Duarte, morreu em 1438, pouco depois de mestre Huguet.

Ainda n'esta construcção teve o eximio artista o bom senso de seguir, o mais perto possível, o risco do templo. E na verdade as ditas capellas, do solo á altura dos capiteis das columnas que lhes formam os porticos (até onde sem duvida elle chegou a edificar), em nada desdizem do estylo parco e austero das construcções do seu antecessor.

Substituiu este artista no mesmo cargo Martim Vasques, em talentos muito áquem dos dois que o precederam. Já andava empregado nas obras desde o tempo de D. João I, e foi nomeado successor de mestre Huguet por carta de el-rei D. Duarte. Continuou a obra do claustro real e as capellas imperfeitas segundo o risco primitivo, e deu começo ao claustro de D. Affonso V, que bem pouca honra lhe dá. Em 1448 já não existia.

Teve por successor a seu sobrinho, Fernão d'Evora, que dirigiu a continuacão dos trabalhos durante o reinado de D. Affonso V. Concluiu o claustro que tem o nome d'este monarcha, bem como os dormitorios que lhe ficam contiguos e superiores. A julgar pelas suas obras, muito lhe faltava para se guindar á craveira das notabilidades.

D. Manuel, subindo ao throno, resolveu acabar a todo o custo as capellas imperfeitas, e encarregou d'esta commissão Matheus Fernandes. Era elle sem duvida um architecto habillissimo; pois em tudo o que ali executou, e nomeadamente nos dois porticos de entrada, interior e exterior, deu sobejas provas da sua habilidade. Não se lhe pôde porém perdoar a alteraçao que fez no risco primitivo, dando ao edificio de porte severo e simples as brincadas formas do estylo *florido*. Falleceu Matheus Fernandes a 10 de abril de 1513 e succedeu-lhe um architecto do mesmo nome, que se suppe seu filho. Sob a direcção d'este continuaram as obras das capellas imperfeitas, até ao anno de 1528, em que morreu, sendo immediatamente substituido por João de Castilho, que D. João III nomeou para ir exercer aquelle cargo.

Foi Castilho — registre-o a posteridade! — o impio architecto que ousou carregar sobre a graciosa filigrana gothica, enxertar nos brincados labores manuelinos, o pesado estylo da *renascença*; o rectangulo sobre a ogiva, a architrave sobre o sarapanel. D'elle ao diante falaremos mais detidamente.

Quanto a outros artistas de menos nomeada, que trabalharam na construcção commemorativa da batalha de Aljubarrota, poderemos de entre outros extremar os seguintes, por mais peritos: Gil Eannes e Affonso Lopes — imaginadores; Francisco Taca e Alvaro Monrato — pintores; Duarte Mendes, Henrique Francez e Pero Taca — esculptores; Guilherme de Bollen, Antonio Taca e Antonio Vieira — illuminadores.

Depois dos admiraveis trabalhos de investigação, publicados pelo sr. J. de Vilhena Barbosa no vol. VII do *Archivo Pittoresco*, é ocioso demorar-me n'este assumpto.

E Santa Maria de Belem?... Historiemos um pouco.

Era o antigo lugar do Rastello fronteiro ao ancoradouro mais seguro que primeiro encontravam os navios ao demandarem a barra do formoso Tejo, e egualmente o mais proximo d'ella, que se offerecia aos que se aprestavam a seguir viagem; d'ahi para baixo, desde a a seguir viagem; d'ahi para baixo, desde a Trafaria até à propria enseada de Cascaes, abundam os bancos, desabrigos e cachopos, offerecendo outros tantos riscos á segurança das embarcações. Compenetrado o infante D. Henrique das vantagens que andavam ligadas a tão seguro e tão bom ancoradouro, resolveu fundar n'aquella praia uma ermida, onde fossem ministrados aos mareantes prompts socorros espirituaes. Ergueu-se o templo, tão modesto na fabrica quanto na intenção sublime. e o seu fundador o doou á Ordem de Christo, de que era mestre o administrador.

Posteriormente D. Manuel, considerando ampliar o culto divino e vendo como o sitio de Belem era azado para n'elle se edificar um mosteiro, cujos religiosos devotamente gasalhassem os viajeros de longes terras — que alli concorriam muitos — confessando-os e ministrando-lhes os outros sacramentos, resolveu haver a si aquella ermida e sitio, dando por ella á Ordem de Christo uma casa maior. Trouxe de feito a cubicada capella por uma antiga synagoga dos judeus, sita no lugar onde hoje se ergue a igreja da Conceição Velha, que foi logo após a troca edificada. Os rendimentos d'esta casa montavam em cincoenta mil réis, quantia superior á que a Ordem obtinha de Belem.

Movido o monarcha por devoção particular, que tinha a S. Jeronymo, e por haver fundado este santo o seu instituto na pequena terra da Palestina, do mesmo nome da ermida adquireda, houve por bem fazer doação d'ella e de todos os seus pertences, aguas e logradouros á ordem de S. Jeronymo, aos 22 de dezembro de 1498, obrigando ao mesmo tempo os freires a um certo numero de quotidianas ceremonias espirituaes, de tanta monta n'aquellas eras, espelhamos do infante D. Henrique, do monarcha doador e de seus successores.

O caso é que os monges da Ordem aceitaram de boa mente e presurosos as condições impostas, e a 21 de abril de 1500 se dava começo ás obras do mosteiro, cujo custo era satisfeito por muitas doações importantes, sobressahindo a todas ellas a cessão da vintena do dinheiro que rendiam as mercadorias e cousas chegadas da India. Apesar d'isto porém, a magnifica obra, para poder ser continuada, teve que socorrer-se mais que uma vez a doações e esmolmas extraordinarias, algumas decretadas já por D. João III.

No templo dos Jeronymos se notam dois tipos bem distinctos de architectura : o manuelino, o do corpo da igreja, cruzeiro e claustro; e da restauração classica na capella-mór e balastrada do côro. Além d'isso, no claustro ha mais primor na execução e nos desenhos do que na igreja. D'aquí se tiram varias illações, principalmente emquanto ao modo por que foram progredindo as obras; podendo asseverar-se que a construção das naves do templo e do cruzeiro antecedeu a da crasta, e ambas a erecção da capella-mór.

A que architecto attribuir, porém, o delineamento e direcção das obras do monumento manuelino? A opinião geral, firmando-se nas asserções insertas no tomo 1.º da 2.ª serie do *Panorama* (1842) e no volume 6.º do *Archivo Pittoresco* (1863) — devidas aquellas á penna auctorizada do sr. Varnhagen, estas á do sr. Barbosa — attribue a concepção geral do plano das construcções a João de Castilho, architecto que foi de el-rei D. Manuel, suppondo o mesmo o seu principal engenheiro. Propende tambem para esta hypothese, no *Portugal Artistico*, bem para esta hypothese, e primoroso stylist, sr. Latino Coelho. Apesar de ir de encontro a pareceres tão abalizados, não posso eximir-me a regeitar esta hypothese, cujos frageis esteios o mais ligeiro exame — creio — basta para abalar e derruir.

O tal João de Castilho, a julgar pelas principaes obras de arte architectonica que conce-

beu e fez executar (afóra o disputado templo de Belem), era sectario entusiasta do renascimento. E, se não, vejamos os seus arranjos no andar superior do claustro de D. Diniz, na sacristia e na casa para a bibliotheca, em Alcobaça; os pilares estriados, os arcos abatidos e os balaustres, nas capellas imperfeitas da Batalha; as portas exoescentes da Sé Velha de Coimbra; e o avultado numero de concertos no convento de Christo em Thomar. Analoga a estas obras só em Belem existe a da capella-mór, formada por uma columnata stereobada de 16 columnas jonicas, sobre o entablamento da qual corre outra columnata, corinthia, tambem de 16 columnas, em correspondencia com as inferiores.

E não venha a dizer-se que podia Castilho ter delineado como verdadeiro artista, o plano do mosteiro e templo de Belem, sendo ao depois cegado pelos esplendores da arte que os povos cultos julgavam ver renascer, e tendo-se só então tornado neophyto d'ella: porque, não só o formoso edificio corresponde a um ideal tão harmonicamente concebido, de modo a representar a nossa grandeza, d'elle coeva, que para o genio creador d'aquella maravilha, todo embebedo na realisação do seu sonho, na petrificação da sua idéa, não podia haver deslumbramentos possiveis, causados por extranho influxo, e portanto nada o distrahiria de levar a cabo um plano concertado e completo; mas ainda, admittido que o famoso artefice houvesse apresentado o risco para a construção do monumento logo em 1500, anno em que ella principiou, conservar-se-hia fiel á architectura do começo das obras pelo menos até 1532 ou 1535, porque mais de 30 annos levou a consummar-se na Europa a revolução da architectura, e mais de 30 annos portanto a operar-se em o nosso cantinho occidental, onde bem tardios se fizeram sentir os seus effeitos. Porém em 1520 dirigia Castilho as obras em Alcobaça, que acima apontamos, e já a esse tempo era apologista da renascença. Logo, escudado por esses dois argumentos, posso affoitadamente asseverar que não foi Castilho quem deu a traça dos Jeronymos.

Além d'isso, o architecto em questão falleceu em agosto de 1581, tendo menos de 90 annos de idade, como prova o sr. Mendes Leal nos *Monumentos Nacionais* (1868), devendo portanto haver nascido durante os annos de 1490 a 1495. Ora, tendo sido iniciada a construção monumental dos Jeronymos em 1500, como poderia Castilho, então menino, ser já um distincto artefice e ter concebido, insciente e inexperiente, desenho de tão remontada magnitude?

Grande numero de probabilidades andam apostadas em demonstrar que quem deu o plano para a construção do edificio foi mestre Boutaca, artista distinctissimo, apreciado, e tido por de um ingenho tão luminoso, de uma imaginação tão alevantada e de um criterio tão subtil, que el-rei D. Manuel lhe mandou abonar uma tença de 8500 réis annuaes, como recompensa de seus meritos e serviços, em alvará de 1498; exactamente a epocha em que adqueria os terrenos para a erecção do monumento que já trazia na mente.

Foi Boutaca quem delineou e dirigiu a edificação da igreja da Conceição Velha, irmã coeva dos Jeronymos; bem como do convento de Jesus em Setubal, seu irmão mais velho.

Se estes argumentos não bastassem, ha um que valentemente os corrobora, e é o haver-se descoberto um medalhão com o busto de mestre Boutaca na face interna do grande pilar do lado do Evangelho, á entrada do cruzeiro, no sitio onde existe o moderno pulpito. Um dos degraus da escada, que a elle conduz, encobria o precioso retrato, hoje felizmente visivel, graças á disvellada sollicitude do distincto archeologo, sr. Possidonio da Silva, que apertadamente instou para que o deixassem remover a escaleira irreverente, affim de poder tirar a feição do busto, obrigando-se a mandar collocar depois os degraus no lugar proprio. O prior, porém, sacerdote intelligente e patriota, consentiu que ficasse patente, em que pese ao

dogmatismo catholico, a effigie do insigne artista, tão ingratamente olvidado.

Apesar de parecer italiano o appellido Boutaca, os srs. Varnhagen e visconde de Juro-menha affirnam existir nas immedições da Batalha um logarejo de nome Boutaca d'onde provavelmente era oriundo o notavel architecto, tendo talvez feito a sua aprendizagem artistica no mosteiro de Sancta Maria da Victoria.

(Continua).

ABEL ACACIO.

A LUTUOSA

(Continuando do numero antecedente)

Jeronymo de Barros estava vestido com a farda de tenente, de charlateiras polidas, banda á cinta, talim, o braço esquerdo estendido ao longe do caixão, a mão direita pousada no punho da espada que reluzia. A' cabeceira ardiam duas vélas de cera, que escorria e pingava sobre as arandellas de papel de côres das tocheiras de chumbo. Sobre a commoda, revestida com toalha de linho franjada de renda, como um altar, destacava lugubrememente do fundo do panno preto aguloado de amarello que forrava a parede, um Christo de marfim, antigo, pregado n'uma cruz de ebano.

Era uma prenda de familia aquelle Christo, crucificado, macerado, coberto de chagas, a cabeça descahida sobre a espada, a fronte coroada de espinhos, a face a escorrer em sangue, admiravelmente esculpido! Era dadiva de um cardeal romano a um dos antepassados de Jeronymo de Barros que fora bispo no Oriente. Havia menos de um anno que um inglez, percorrendo a provincia em busca de objectos antigos, cobertores adamascados da India, baixellas de prata massiça, louças velhas do Japão, imagens, mobílias de pau preto torneadas, assim que lhe mostraram o crucifixo exclamou:

—Oh! magnifica! Tem muito valor!

E, depois, examinando minuciosamente a assignatura do escultor, gravada em caracteres quasi imperceptiveis no supedaneo da cruz, sorriu-se, abriu os olhos n'uma effusão de alegria, e offereceu summariamente:

—Dou cem libras; quer? Dou quatrocentos e cincoenta mil réis; quer?

E o abbade, que assistia do lado aquella scena, teve um sincero pezar de não ceder o Christo aquelle generoso philisteu!

Aquelle crucifixo assistira ao trespasse de muitas pessoas da familia, durante um seculo. Ainda quando o pae de Jeronymo de Barros agonizava, hidropico, já sem falla, banhado de um suor viscoso e frio, foi o padre-capellão collocar-lhe nas mãos trémulas, murmurando-lhe debruçado á cabeceira as orações funebres da agonía!

O crucifixo apparecia apenas em occasiões de haver alguem em casa a expirar. Depois, logo que o cadaver era levado para o cemiterio, havia sempre o cuidado de recolhê-lo ao crucifixo outra vez no santuario de pau preto, onde permanecia fechado por muitos annos, exposto no meio das imagens de S. João Evangelista e de Santa Maria Magdalena, que contemplavam o Christo morto, penalizados com os olhos roxos de chorar, as mãos cruzadas sobre o peito a conterem o coração dilacerado pela dôr!

D. Carlota e a filha estavam na outra sala a receberem as visitas.

O moço do abbade, quando passou pela casa dos Vinhaes e viu as hombraes do portão da quinta amantadas de preto, indagou quem tinha morrido, e foi logo dar parte do succedido ao amo.

—O tenente? — perguntou o abbade, que estava ainda a enfiar as mangas da batina já esverdeada e poida do uso.

—O tenente, meu senhor, o tenente — confirmou o moço, agachando-se-lhe aos pés para repuxar em baixo a roda da batina.

O abbade exclamou:

—Oh! com mil diabos!

E pondo na cabeça o chapéu desabado, pegando na bengala de castão de prata, que tinha a um canto, dirigiu-se apressadamente para os Vinhaes.

Entrou na sala de espera, que estava às escuras, atravessou vagorosamente o corredor, ao fundo do qual, do lado direito, havia um vivo clarão, que saía da sala em que estava depositado o cadaver.

O abbade entrou prudentemente, em bicos de pés. Não viu ninguém. Ouvia-se o murmurinho de vozes chorosas e soluços repetidos, que vinha da outra sala.

Ao dar o abbade com os olhos na imagem do Christo, sentiu um grande alívio, um doce regosijo, como um fluxo benigno e suave que o acariciava e consolava.

— Bem! — disse elle, mais descansado do receio com que entrou. — Bem! ainda temos aquillo!

E sem mais delongas, desandou pela sala fóra, pé ante pé, a escoar-se furtivamente no corredor escuro, como um espião astuto. Ia a sorrir-se, tal qual como *Granaet*, de pois de ter roubado a filha.

No dia immediato ao do enterro, voltou o abbade à casa dos Vinhaes. Disse à criada que desejava fallar particularmente à senhora.

D. Carlota recebeu-o na sala de visitas.

— Minha senhora — principiou o padre com ar triste, affeiçoando o semblante à circumstancia — eu não a procurei hontem, porque sei infelizmente que, n'estas occasiões, não ha consolação possível.

D. Carlota desatou a chorar.

O padre, com os olhos postos no chão, proseguiu em tom sentencioso, fazendo pausas.

— Isto é uma coisa que a todos acontece! Golpes d'estes, mais hoje mais amanhã, todos os soffrem! Por isso, minha rica senhora, é resignar-se, é resignar-se e mais a menina!

D. Carlota chorava ainda, soluçante, enxugando as lagrimas no lenço.

O abbade observou-a de relance e continuou:

— Agora que se lhe ha de fazer? Deus ha de recompensar com a sua divina graça as virtudes do finado! Não se afflija, minha rica senhora; então, não esteja a affligir-se, que nada se remedeia!

E, como a inconsolavel senhora, suffocada com os soluços, de cada vez chorava mais, o abbade pensou de si para si:



BOUTACA — Architecto do mosteiro dos Jeronymos (copiado do medallão existente no mesmo mosteiro)
Vide artigo dos Architectos da Batalha e dos Jeronymos

— Fil-a boa! Fui um bom asno! Quando acabará esta choradeira?

Conheci o mesmo finado, e ainda me lembro de quando elle assentou praça em cadete, no Porto!

Ora se conheci! E que casa esta! que grande casa! que casão! Aqui era esmola para a direita, esmola para a esquerda; pobres pedintes aos sabbados à porta da quinta eram assim — e mostrava os dedos da mão direita apinhados — tal e qual como à portaria dos conventos! Uma casa de respeito! O sr. João de Barros era um verdadeiro fidalgo! Elle queria lá saber da casa! Qual! andava tudo por mãos de caseiros e de feitores; e se lhe pedissem a camisa do corpo, a camisa do corpo elle dava! A final, veja a sr.^a D. Carlota o que é este mundo! E' uma bola! Uma casa d'estas tão rica, e no que veio a dar!

D. Carlota cortou-lhe o fio á lamentação. Ergueu-se suffocada, humilhada da condolencia indiscreta do abbade, e estendendo-lhe a mão, despediu-se:

— Obrigada! Dispense-me por agora, sr. abbade. Vou ter com a minha Leonor, que está sósinha, de cama!

O sr. abbade, antes de sair, no limiar da porta, recommendou ainda:

— Minha senhora, resignação e o conselho do grande marquez de Pombal: — Enterrar os mortos, e cuidar dos vivos! Sem mais.

E safou-se para a residencia muito satisfeito do papel que fizera!



FRANCISCO OTERO GONZALEZ

Auctor do attentado contra D. Afonso XII, no dia 30 de Dezembro de 1879

(Continúa).

ALBERTO BRAGA.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Por bem era a divisa de um rei luzo.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6 Rua do Thezouro Velho, 6